

A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas

The importance of knowledge about Sexually Transmitted Infections (STI) among adolescents and the need for an approach that goes beyond biological conceptions

RESUMO

A incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) é um problema de saúde pública mundial. Estatísticas apontam que 1/3 dos portadores de HIV/AIDS são jovens de 10 a 24 anos. Sendo estes os disseminadores de conhecimento para as gerações futuras, faz-se necessário investir em programas de educação sexual, visando à prevenção e melhora no quadro mundial de IST. Por meio da ação de extensão “Programa Jovem com Saúde: Universidade e escolas públicas na prevenção de IST”, este trabalho teve como objetivo levar informações a adolescentes do Ensino Médio de uma escola de São João del-Rei sobre as IST, gerar discussões visando estimular o pensamento crítico e a autonomia dos alunos acerca do tema e complementar a ação da escola na promoção de uma educação sexual de qualidade. Foram realizadas palestras e dinâmicas sobre IST, gravidez, métodos contraceptivos e sexo. As dinâmicas basearam-se em afirmativas que os adolescentes julgariam como corretas ou incorretas, prosseguidas por discussão. Os resultados mostraram um conhecimento superficial dos alunos sobre as doenças em questão, o que pode ser resultado do não aprofundamento do tema, associado ao estigma que o envolve. Conclui-se que investir em educação sexual de qualidade é o caminho para a solução deste problema.

Palavras-chave: Jovens. Educação Sexual. IST.

ABSTRACT

The incidence of Sexually Transmitted Infections (STI) is a global public-health problem. Statistics show that one third of HIV/AIDS sufferers in the world are young people aged 10 to 24 years. Being this public the disseminator of knowledge to the future generations, it is necessary to invest in sex education, aiming the prevention and improvement of worldwide overview of STI. Through the “Extension

Natália Lopes Chaves Ciriaco

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil (natlcj@hotmail.com).

Luiza Aparecida Ansaloni Chagas Pereira

Mestranda em Ciências Morfofuncionais na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil (luizaaaansaloni@gmail.com).

Paulo Henrique Almeida Campos-Júnior

Pós-Doutorado em Biologia Celular pela Northeastern University, Boston, EUA; professor adjunto do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil (paulohenrique@ufsj.edu.br).

Raquel Alves Costa

Pós-doutorado em Biologia Celular pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professora adjunta do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil (raquel.costa@ufsj.edu.br).

program youth with health: university and public schools in STI prevention”, the aim of this project was to carry information for high school teenagers in São João del-Rei, State of Minas Gerais, generate discussions aiming to stimulate student’s critical thinking and autonomy about the subject and support the school at the promotion of a good sex education. Lectures and dynamics about STI, pregnancy, contraceptive methods and sex were held. The dynamics were based on assumptions that adolescents would judge as correct or not, followed by discussion. The results pointed that involved students have a superficial knowledge about these diseases, which may be due to a lack of approach to the subject, associated to the stigma that involves the subject. Therefore, it is concluded that investing in good sexual education is the way to solve this problem.

Keywords: Teenagers. Sex Education. STI.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são doenças causadas por microrganismos, cuja principal via de transmissão é o contato sexual desprotegido, seja ele oral, anal ou vaginal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). Seu alto índice de disseminação está diretamente relacionado à falta ou à utilização incorreta do preservativo – a camisinha – seja ela masculina ou feminina. Esse fato pode estar relacionado à situação precária dos serviços de saúde e à precariedade da educação sexual difundida tanto pelas escolas quanto pelos pais, além de outras formas utilizadas pelos jovens para obter informações, como a internet ou até mesmo por trocas de experiências entre eles (SANTOS et al. 2009).

Sabe-se que a utilização de medidas que visam o controle de IST que não abordam o contexto sociopolítico não geram resultados suficientemente positivos. Observa-se que as práticas associadas à prevenção de IST devem levar em consideração a cultura da sociedade envolvida, de forma que os saberes da comunidade sejam respeitados, e sua identidade cultural seja reconhecida (BENZAKEN et al., 2007). Apesar disso, o diálogo sobre assuntos relacionados às IST e ao sexo na sociedade moderna ainda é muito dificultado devido aos estigmas envolvidos, associados principalmente à cultura e às crenças

da população. Tal fato dificulta que o assunto seja abordado tanto nas escolas como dentro do ambiente familiar, o que pode resultar em um déficit no conhecimento dos adolescentes (DELIUS; GLASER, 2005).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), as IST têm aumentado gradativamente em todo o mundo desde a década de 1990. Esse aumento pode estar associado à difícil detecção dessas doenças, devido ao fato de grande parte das IST apresentarem sintomas sutis, tanto em homens quanto em mulheres. Essas doenças também se relacionam diretamente a questões socioculturais e de gênero, o que dificulta tanto a prevenção quanto o tratamento (GERHARDT *et al.* 2008).

A adolescência é definida pela OMS como a idade entre 10 e 19 anos e é o período de maior modificação no desenvolvimento humano (MARTINS, 2005; SOUZA; BRUNINI, 2007). É uma fase de transição na qual ocorrem mudanças biológicas, psicológicas e sociais, e o adolescente experimenta um turbilhão de novas sensações e sentimentos que influenciam diretamente na construção da sua identidade.

Um dos principais fatos decorrentes do grande número de jovens com IST é a falta de percepção da própria vulnerabilidade. A população adolescente apresenta características que geram risco à contaminação por IST. O jovem não está preparado para lidar com a sexualidade, tem dificuldade na tomada de decisões, não possui identidade totalmente definida, passa por conflitos entre razão e sentimento e é regido por uma necessidade de se sentir inserido em algum grupo social. Todas essas dificuldades tornam a população jovem suscetível às IST (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

O início da vida sexual com baixa idade, o número de parceiros sexuais e a utilização de proteção contra as IST no contexto social associam-se diretamente ao nível econômico e de escolaridade. Dessa forma, tanto a sociedade como o Estado possuem grande responsabilidade na educação sexual desses jovens para que, por meio do conhecimento, eles sejam mobilizados a se prevenir contra as IST (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

Dentre os parâmetros que exercem influência na fase da adolescência, a sexualidade merece ser destacada. A sexualidade pode ser definida

como um aspecto central do ser humano, que engloba não somente o sexo, mas a identidade, o papel de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução (LOBATO, 2017). Ela influencia pensamentos, sentimentos e a saúde tanto física quanto a mental. Portanto, se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico (PCN, 1997).

Com o intuito de desvincular a sexualidade da reprodução e das patologias, a ideia dos direitos sexuais foi formulada difundindo a sexualidade como algo positivo (LEITE, 2012). O conhecimento sobre a atividade sexual não resulta em uma prática mais precoce. Em contrapartida, torna a atividade mais segura, por diminuir a frequência de IST e gravidez não planejada. Dentro do contexto estrutural da sociedade, existe uma culpabilização que envolve os adolescentes no que diz respeito às práticas sexuais. Isso ocorre devido ao paradigma de que a livre expressão da sexualidade é interpretada como um comportamento transgressor. Assim, muitos jovens evitam procurar conselhos relacionados a esse aspecto. Portanto, é fundamental que todos os envolvidos no processo educacional sejam capazes de desenvolver o assunto de forma imparcial, isto é, livre de julgamentos e sem lançarem juízo de valor (BRÁS, 2008).

As IST estão entre as cinco principais causas de busca pelos serviços de saúde em países em desenvolvimento (WHO, 2001). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a estimativa é de que um em cada 20 adolescentes, na faixa etária de 15 a 24 anos, adquire uma IST (não incluindo a AIDS e as hepatites) a cada ano. Dentre as IST, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) permanece um desafio à saúde pública mundial. Desde o início da epidemia da AIDS, em 1980, até junho de 2017 foram identificados 882.810 casos da doença no Brasil. O país tem registrado, anualmente, uma média de 40 mil novos casos de AIDS nos últimos cinco anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Muitas IST apresentam fases assintomáticas ou quando apresentam sintomas estes podem aparecer um longo período após a infecção inicial. O déficit na instrução de grande parte dos adolescentes com relação a esse assunto faz com que o indivíduo só procure os serviços de saúde quando apresenta algum sintoma, o que faz com que esses

jovens sejam fonte de disseminação desse tipo de doença sem mesmo saberem que estão infectados (CODES *et al.* 2006).

Dados estatísticos demonstram que pelo menos um terço dos 30 milhões de pessoas que vivem com HIV/AIDS no mundo são jovens da faixa etária de 10 a 24 anos de idade (OLIVEIRA *et al.*, 2009). Ao ano, calculam-se aproximadamente 357 milhões de novas infecções, entre clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016). Segundo dados da OMS, hoje, grande parte dos adolescentes inicia a vida sexual cada vez mais cedo, entre os 12 e os 17 anos. Sabe-se de que o uso da camisinha é o meio mais eficaz para a prevenção das IST, permitindo práticas sexuais seguras. Além disso, a camisinha também previne uma gravidez não planejada (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). O uso do preservativo apresenta-se também como um tema de extensa divulgação nos meios midiáticos.

No início da epidemia da AIDS, os preservativos tinham sua distribuição em épocas específicas, como no carnaval e no “Dia Mundial de Luta Contra a AIDS”. Entretanto, nas últimas décadas, a prevenção efetiva ao vírus HIV e a outras IST tem sofrido algumas transformações, pois somente o adestramento da população à incorporação do preservativo em todas as relações sexuais não é suficiente para o controle efetivo dessas infecções (DOURADO *et al.*, 2015).

O Boletim Epidemiológico da Sífilis de 2016 informa que a presença de uma IST aumenta o risco de se contrair ou transmitir a infecção por HIV. Assim, é de extrema importância o desenvolvimento de estratégias de prevenção para essas infecções. É definida como “Prevenção Combinada do HIV” a estratégia que utiliza intervenções combinadas para o combate ao risco de infecção pelo vírus. São utilizadas intervenções biomédicas, comportamentais e estruturais, aplicadas ao nível dos indivíduos, de suas relações e dos grupos sociais aos quais pertencem, considerando suas especificidades e as variadas formas de transmissão do vírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Nessa perspectiva, Dourado e colaboradores (2015) discutem a promoção do uso de preservativo. Suas limitações são levadas em consideração, no que tange aos estudos que evidenciam como as intervenções podem aumentar a adesão desse método. Dentre as possíveis formas de intervenção, os autores destacam os programas

de educação sexual nas escolas, a disponibilidade de preservativos gratuitos nos postos de saúde e oficinas sobre o uso do preservativo feminino.

As abordagens utilizadas nas estratégias de incentivo ao uso do preservativo devem levar em consideração a questão do sexo e do prazer, além das causas de ordem afetiva que geram dificuldade no que diz respeito à regularidade no uso do preservativo. Nesse sentido, é necessária uma reflexão que seja capaz de contrastar valores como confiança e fidelidade, relacionados às parcerias sexuais, com os riscos de contrair IST (DOURADO *et al.*, 2015).

De acordo com os PCN (1997), a partir da década de 1980, houve um aumento na demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas devido à preocupação dos educadores com a alta incidência de gravidez indesejada na adolescência e com o risco da infecção pelo HIV entre os jovens. Nessa perspectiva, as atividades exercidas nas escolas a respeito do tema IST podem contribuir fortemente para a conscientização dos adolescentes quanto ao uso de preservativos, visando uma prática sexual segura.

A motivação para a elaboração deste trabalho teve como ponto inicial a ação de extensão “Programa Jovem com Saúde: Universidade e escolas públicas na prevenção de IST”, que visa principalmente promover a interação entre as bolsistas estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de São João del-Rei e adolescentes de escolas da rede pública do município, visando a conscientização para a prevenção das IST. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho foi verificar o conhecimento de adolescentes do ensino médio de uma escola estadual de São João del-Rei sobre prevenção, transmissão e sintomas de IST, gerar discussões, visando estimular o pensamento crítico e a autonomia dos alunos acerca desses temas, e complementar a ação da escola na promoção de uma educação sexual de qualidade.

METODOLOGIA

O estudo teve como base encontros realizados na Escola Estadual Doutor Garcia de Lima, na cidade de São João del-Rei. Inicialmente, por meio de uma carta de apresentação, a proposta do programa de

extensão foi apresentada para a direção da escola, que imediatamente se interessou. Foram realizados três encontros durante o mês de março de 2018 e, ao todo, foram oito turmas participantes, seis turmas do 2º ano, uma do 1º e uma do 3º ano. No total de 211 alunos, as idades variaram de 15 a 19 anos. Os encontros se basearam em palestras e dinâmicas que englobaram não somente o tema IST, mas também métodos contraceptivos, gravidez e sexo.

As palestras e as dinâmicas tiveram duração aproximada de 50 minutos, tempo correspondente a um horário escolar. As palestras eram projetadas por meio de um telão presente na própria sala de aula. Cinco turmas de 2º ano não assistiram à palestra, a pedido da professora, pois ela já havia passado o conteúdo abordado. Assim, essas turmas participaram somente da dinâmica.

A dinâmica denominada “Mitos e verdades” consistiu em uma série de afirmativas a respeito do tema proposto, as quais os alunos julgariam como corretas ou incorretas. A afirmativa era projetada no telão e, caso concordassem com ela, os alunos deveriam levantar um cartão verde, caso contrário, levantariam um cartão vermelho. Os cartões foram previamente confeccionados pelas bolsistas do projeto e disponibilizados na hora da dinâmica, coletando apenas as informações de opinião pública dos estudantes, sem que os mesmos fossem identificados. A coleta de informações tinha o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos alunos para abrir espaço para discussões. Ao fim de cada afirmativa, quem acertasse e desse uma explicação completa, recebia um preservativo masculino ou feminino. Os preservativos foram disponibilizados pelo Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de São João del-Rei e levados pelas bolsistas mediante autorização da direção da escola.

Para a preparação da atividade, as bolsistas do projeto realizaram uma revisão sobre os temas em questão, por meio de livros didáticos obtidos na biblioteca da Universidade e sites, como o do Ministério da Saúde. Tal revisão teve como finalidade um maior aprofundamento do tema, assim como o entendimento das questões que seriam mais relevantes para que fossem incluídas na dinâmica. A preparação das atividades foi realizada e discutida com os professores responsáveis pelo programa. Além das alunas envolvidas no projeto, as professoras de biologia da escola estavam presentes nas salas durante a aplicação

da atividade, na intenção de auxiliar na organização das turmas.

RESULTADOS

Houve participação e envolvimento dos alunos durante as palestras com perguntas e esclarecimento das dúvidas levantadas.

Para avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre IST foi desenvolvida uma dinâmica denominada “Mitos e verdades” que consistiu em uma série de afirmativas a respeito do tema proposto, as quais os alunos, julgando por opinião a partir dos seus conhecimentos como corretas ou incorretas. As opiniões levantadas nessa dinâmica são apresentadas na Tabela 1. O número total de opiniões foi 211 para cada afirmativa, sendo expresso na porcentagem de opiniões que representavam afirmativas verdadeiras ou falsas. Na afirmativa “Ser portador do vírus HIV e ter AIDS é a mesma coisa”, considerada falsa, houve 143 respostas positivas (68%) e 68 respostas negativas (32%). A afirmativa “É possível realizar um teste rápido para detectar HIV, Sífilis e Hepatites B e C”, considerada verdadeira, apresentou 66 respostas positivas (31%) e 145 negativas (69%). Relacionando a menarca com a gravidez, a afirmativa “Uma vez que uma menina tenha tido sua primeira menstruação, poderá ficar grávida”, também verdadeira, foi a única que obteve a totalidade de acertos (211 respostas positivas, 100%).

Em relação ao contágio de IST, a afirmativa “É possível contrair o HIV por meio de beijo na boca, aperto de mão e por meio de compartilhamento de objetos de higiene pessoal (sabonetes, toalhas, lençóis)”, considerada falsa, obteve 21 respostas positivas (10%) e 190 negativas (90%). No que se diz respeito à sífilis, a afirmativa “A Sífilis é dividida em três estágios”, verdadeira, resultou em 59 afirmativas positivas (28%) e 152 negativas (72%). Por fim, relacionada às formas de transmissão de IST, a afirmativa “A transmissão de IST se dá por todo tipo contato sexual (sexo oral, anal e vaginal) desprotegido.”, considerada verdadeira, obteve 127 respostas positivas (60%) e 84 negativas (40%).

Tabela 1 – Afirmativas da dinâmica “Mitos e Verdades”, com suas respectivas respostas corretas e as respostas dadas pelos alunos

Afirmativa	Verdadeira/ Falsa	Respostas positivas (n)	Respostas positivas (%)	Respostas negativas (n)	Respostas negativas (%)
Ser portador do vírus HIV e ter AIDS é a mesma coisa.	Falsa	143	68%	68	32%
É possível realizar um teste rápido para detectar HIV, Sífilis e Hepatites B e C.	Verdadeira	66	31%	145	69%
Há vários tipos de HPV. Uma das complicações comuns de alguns dos tipos é o câncer de colo de útero.	Verdadeira	177	84%	34	16%
Uma vez que uma menina tenha tido sua primeira menstruação, poderá ficar grávida.	Verdadeira	211	100%	0	0%
É possível contrair o HIV por meio de beijo na boca, aperto de mão e por meio de compartilhamento de objetos de higiene pessoal (sabonetes, toalhas, lençóis)	Falsa	21	10%	190	90%
A Sífilis é dividida em três estágios.	Verdadeira	59	28%	152	72%
A transmissão de IST se dá por todo tipo contato sexual (sexo oral, anal e vaginal) desprotegido.	Verdadeira	127	60%	84	40%

Fonte: Os autores (2018).

Apesar das afirmativas apresentadas na dinâmica terem enfoque em um modelo biológico-centrado e preventivo, modelo que é direcionado a uma concepção majoritariamente biológica da educação sexual (VIEIRA; MATSUKURA, 2017), as discussões provenientes da maioria delas foram direcionadas aos aspectos socioculturais relacionados à sexualidade. Um exemplo se dá a partir da afirmativa “É possível contrair o HIV por meio de beijo na boca, aperto de mão e por meio de compartilhamento de objetos de higiene pessoal (sabonetes, toalhas, lençóis)”, os alunos foram questionados sobre o estigma que envolve os portadores do vírus HIV e o preconceito enfrentado por essas pessoas na sociedade, levantando, assim, discussões irrelevantes. Outros exemplos serão discutidos posteriormente.

DISCUSSÃO

Em um âmbito geral, verificamos que os alunos possuem um conhecimento superficial sobre IST, visto que as afirmativas que obtiveram mais respostas corretas relacionavam-se a conhecimentos básicos acerca do tema. Devido a um número considerável de alunos ter respondido de maneira incorreta a afirmativa relacionada à diferença entre ser portador do vírus HIV e ter AIDS, foi possível identificar uma falta de esclarecimento em relação a esses termos.

Assim como as IST no geral, a AIDS é abordada nas escolas de maneira superficial. Detalhes importantes como esse podem passar despercebidos, tanto pelos professores quanto pelos alunos. Esse fato gera uma problematização, pois devido à falta de clareza na distinção desses termos, uma pessoa portadora do HIV acaba sendo vítima dos estigmas que envolvem a AIDS, uma vez que ela é vista como uma doença que atinge pessoas de comportamento transgressor. Dessa forma, essas pessoas acabam sendo moralmente julgadas pela sociedade (ALMEIDA; LABRONICI, 2007).

A busca pelos serviços de saúde para diagnóstico e tratamento das IST também foi um fator discutido ao longo da dinâmica. A vulnerabilidade dos adolescentes às IST pode estar relacionada à carência de informação e dificuldade ao acesso aos serviços de saúde. Reconhecer tal vulnerabilidade e proporcionar espaços de discussão e esclarecimento de dúvidas é de grande importância para que haja uma

orientação adequada por meio da escola, da família e da sociedade em geral (FIGUEIREDO; BARROS, 2014).

Grande parte dos alunos não tinha conhecimento sobre a existência dos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), apesar de haver um destes na cidade. A parceria entre os setores da saúde e da educação pode contribuir para as práticas da educação sexual, por meio de uma aproximação dos profissionais da saúde com as escolas e o público jovem (VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Assim, os adolescentes participariam ativamente das práticas de cuidado com a saúde, levando em consideração a autonomia nas vivências da sua sexualidade. Além disso, tais práticas podem ser aprimoradas, pois a natureza complementar desses dois setores pode intervir de forma positiva nos desafios relacionados às ações de educação sexual (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

De acordo com o último Boletim Epidemiológico HIV/AIDS, o Brasil tem registrado cerca de 40 mil novos casos de AIDS nos últimos seis anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). As IST, por sua vez, na maioria das vezes, são contraídas nas primeiras experiências sexuais, atingindo assim, jovens inexperientes, desprovidos de informações e despreparados psicologicamente. Isso resulta em um crescente aumento dessas doenças entre os jovens de 15 a 19 anos (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Dessa forma, a procura dos alunos pelos CTA poderia influenciar de forma positiva tanto na prevenção quanto no tratamento de IST, visto que nesses locais há distribuição gratuita de preservativos, instruções quanto ao tratamento dessas infecções e uma equipe especializada para orientar a população quanto ao exercício da sexualidade. Outros serviços de saúde, como as Equipes de Saúde da Família (ESF), são implantados pelo Estado para expandir e melhorar a qualidade da atenção básica, de acordo com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2012). No âmbito das estratégias de prevenção e tratamento de IST, esse tipo de serviço conta com uma equipe qualificada e multiprofissional, capaz de dar atenção às comunidades, de acordo com o contexto local dos municípios brasileiros.

As discussões provenientes da afirmativa a respeito da infecção pelo vírus HPV abordaram o autoconhecimento do corpo feminino. Levando em consideração que a principal manifestação do HPV de

baixo risco é o aparecimento de verrugas genitais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018), ressaltou-se a importância de as mulheres observarem regularmente o próprio corpo, com o intuito de conhecerem sua anatomia e, conseqüentemente, serem capazes de identificar alguma anormalidade, principalmente na região genital. Esse hábito pode ser considerado um importante passo em direção a um maior entendimento do próprio corpo, pois estimular o autoconhecimento é identificar-se com sujeito de uma sexualidade e incentivar a expressão segura dessa sexualidade em suas diversas formas (PIMENTA *et al.*, 2017).

Devido a uma construção histórica e sociocultural, a mulher ocupa um lugar mais subalterno na sociedade e sua sexualidade ainda é muito reprimida (SANTOS *et al.*, 2014). Nesse sentido, faz-se necessário incentivar o exercício da sexualidade de modo a sensibilizar as mulheres ao conhecimento e à autonomia do próprio corpo. Ainda nesse contexto e retomando a afirmativa relacionada ao HPV, um fato interessante observado durante a dinâmica foi que na maioria das turmas as discussões foram conduzidas por jovens do sexo feminino. Segundo Sousa e colaboradores (2008), a falta de informação acerca do próprio vírus, dos sinais e sintomas da infecção, da relação com o câncer cervical e das formas de transmissão podem contribuir para que as mulheres sintam-se mais expostas ao HPV do que os homens.

A totalidade dos alunos mostrou possuir um conhecimento satisfatório em relação à gravidez. Em contrapartida, em países em desenvolvimento, todos os dias 20.000 adolescentes menores de 18 anos dão a luz (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2018). A gravidez não planejada na adolescência é um fator considerado problema de saúde pública no Brasil e outros países (FIGUEIREDO; BARROS, 2014). Um estudo realizado por Fiedler e colaboradores (2017), considerou que adolescentes do ensino fundamental de uma escola municipal em Divinópolis, Minas Gerais, entendem a importância do uso de métodos contraceptivos, contudo não possuem conhecimento necessário para a utilização regular e correta desses métodos. São inúmeros os fatores que levam esses indivíduos a terem relações sexuais desprotegidas. Assim, a prática do uso de preservativo deve incluir a dimensão do erotismo e da praticidade e não apenas o medo de contrair doenças ou resultar em uma gravidez indesejada (BRÊTAS *et al.*, 2008).

Apesar de a maioria dos alunos terem conhecimento das formas de transmissão do vírus HIV, é possível observar ainda um vestígio da falta de informação em relação a esse assunto, o que pode contribuir para o estigma que ainda persiste entre os portadores do vírus. Com relação a isso, torna-se necessária a discussão a respeito da discriminação social e do preconceito que rondam os HIV positivos e os portadores de AIDS. É importante prezar pelo respeito ao próximo com o intuito de combater esse preconceito, ressaltando seus direitos individuais e sociais (PCN, 1997).

De acordo com o Boletim Epidemiológico da Sífilis (2006), esta é uma doença bastante incidente na população brasileira e sua presença aumenta consideravelmente o risco de se adquirir ou transmitir o HIV. Apesar disso, os alunos não apresentaram conhecimento satisfatório em relação a ela, o que pode ser explicado pela falta de aprofundamento do assunto durante a sua abordagem em sala de aula ou em casa. Segundo os PCN (1997), acreditava-se que as famílias eram contra a abordagem dessas questões no ambiente escolar, mas hoje se sabe que os pais reconhecem a importância da orientação sexual nas escolas para crianças e jovens, pois sofrem com a dificuldade de falar sobre o assunto em casa.

Devido à dificuldade na abordagem dos temas relacionados à educação sexual por parte da escola e da família, é necessário destacar a importância do investimento em iniciativas para o ensino da educação sexual para a população jovem de maneira alternativa. Pesquisadores nos Estados Unidos (WILLIS *et al.*, 2016) desenvolveram uma maneira de combinar entretenimento e educação, por meio da criação de um *motion comic* (uma combinação de história em quadrinhos com animação e efeitos sonoros), elaborado a partir de entrevistas com grupos diversos de jovens e, posteriormente, assistido por outros jovens, que avaliaram o método de maneira satisfatória. Iniciativas como essa podem contribuir para combater a dificuldade de abordagem do tema, de modo que os estigmas que o envolvem sejam superados, no intuito de promover a educação sexual num contexto mais dinâmico (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos resultados obtidos, podemos constatar que a falta de domínio dos alunos em relação às IST e outros temas relacionados é resultante da dificuldade de abordar a temática tanto no ambiente familiar quanto no escolar, devido ao tabu que a cerca. O caminho para solucionar tal problemática pode ser a implementação de uma educação sexual de qualidade nas escolas, que não se concentre somente em uma metodologia centralizada na biologia e meramente preventiva, mas em uma abordagem mais humana, que esteja imersa no contexto sociocultural do público jovem. O modelo que aborda a sexualidade de maneira conservadora, enfatizando somente os aspectos biológicos e relacionados às patologias, só reforça uma imagem negativa historicamente imposta e contribui para uma repressão cada vez maior da liberdade sexual dos indivíduos. É preciso definir que a sexualidade é um direito individual e os jovens devem ser, de forma imparcial, orientados a exercê-la livremente e de forma saudável.

Quanto aos desafios que permanecem em discussão sobre o uso do preservativo pela população jovem, é necessário compreender que a forma em que os conteúdos são transmitidos para os adolescentes pode influenciar diretamente em suas escolhas de vida, visto que, como indivíduos, eles possuem autonomia de decidir como colocar em prática o conteúdo aprendido. Nesse contexto, se faz necessário influenciar uma maior aproximação desse público com os serviços de saúde, fazendo com que eles se sintam à vontade para procurar auxílio e buscar informações. Além disso, é importante incentivar as discussões em sala de aula acerca de temas considerados tabus sociais, como a sexualidade, e desprender-se da ideia de que o conteúdo deve ser trabalhado de forma unilateral, ou seja, transmitido dos professores para os alunos, permitindo, assim, a participação ativa desses sujeitos em formação nessas importantes discussões que exercem influência em seu estilo de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. de C. B. de; LABRONICI, L. M. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciênc. Saúde Coletiva** [online]. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 263-274, 2007. Doi: 10.1590/S1413-81232007000100030.

BENZAKEN, A. S. et al. Community-based intervention to control STD/AIDS in the Amazon region, Brazil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 118-126, 2007. Doi: 10.1590/S0034-89102007000900018

BRÊTAS, J. R. da S. et al. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, set. 2009, Doi: 10.1590/S0080-62342009000300008.

BRÁS, M. A. M. **A sexualidade do adolescente**: a perspectiva do profissional de enfermagem dos cuidados de saúde primários. 2008. 689 f. Tese (Doutorado em Ciências da Enfermagem) – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: MS, 2012. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018

CODES, J. S. de. et al. Detecção de doenças sexualmente transmissíveis em ambientes clínicos e não clínicos na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 325-334, 2006. Doi: 10.1590/S0102-311X2006000200010.

DELIUS, P.; GLASER, C. Sex, disease and stigma in South Africa: historical perspectives. **African Journal of AIDS Research**, South Africa, v. 4, n. 1, p. 29-36, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25865639>. Acesso em: 12 set. 2018.

DOURADO, I. *et al.* Revisitando o uso do preservativo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 1., p. 63-88, 2015. Doi: 10.1590/1809-4503201500050006.

FIEDLER, M. W; ARAÚJO, A.; SOUZA, M. C. C. de. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. **Texto &**

Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 30-37, jan.-mar. 2015. Doi: 10.1590/0104-07072015000130014.

FIGUEIREDO, M. C. de O.; BARROS, M. D. M de. Orientação sexual: vivências de professores da rede pública de ensino e como esse tema transversal tem sido abordado. **Revista da SBEnBio**, São Paulo, v. 7, p. 5.349-5.360, 2014. Disponível em: <https://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0290-1.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018

GERHARDT, C. R; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 12, p. 257-270, 2008. Doi: 10.5935/0034-7167.20140006.

LEITE, V. A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro RJ, v. 24, n. 1, p. 89-103, 2012. Doi: 10.1590/S0103-56652012000100007.

LOBATO, A. L. Panorama da saúde integral e sexualidade na adolescência. In: PADILLA, H. **Saúde e sexualidade de adolescentes: construindo equidade no SUS**. Brasília,DF: Organização Pan-Americana da Saúde; Ministério da Saúde. 2017. p. 1-71.

MARTINS, L. B. M. **Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais, prevenção de DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do município de São Paulo**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/313021/1/Martins_LauraBernardiMotta_M.pdf. Acesso em: 12 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico da Sífilis**, v. 47, n. 35, p. 3-29, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2016>. Acesso em: 12 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**, v. 10, n. 1, p. 3-60, 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim->

epidemiologico-hiv aids-2017. Acesso em: 12 set. 2018

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/sintomas-das-ist>. Acesso em: 29 ago. 2018.

OLIVEIRA, D. C. *et al.* Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 833-841, out.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n4/v13n4a20.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018

PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Orientação Sexual**. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

PIMENTA, L. A; MOMESSO, M. R; RIBEIRO, P. R. M. A quebra do espelho: sexualidade e identidade em Hamlet. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2.261-2.272, 2017. Doi: 10.21723/riace.v12.n4.out./dez.2017.10772.

SANTOS, A. C. dos *et al.* A violência contra a mulher e o mito do amor romântico. **Cadernos de Graduação Ciências Humanas e Sociais**, Maceió, v. 2, n. 2, p. 105-120, 2014.

SANTOS, S. M. J.; RODRIGUES, J. A.; CARNEIRO, W. S. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento de alunos do ensino médio. **DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 63-68, 2009. Doi: 10.1590/0104-07072017005100015.

SOUSA, L. B. de; PINHEIRO, A. K. B; BARROSO, M. G. T. Ser mulher portadora do HPV: uma abordagem cultural. **Revista Escola Enfermagem**, São Paulo SP, v. 42, n. 4, p. 737-743, 2008. Doi: 10.1590/S0080-62342008000400017.

SOUZA, M. M. *et al.* Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com um grupo de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 1, p. 102-105, 2007. Doi: 10.1590/S0034-71672007000100020.

UNITED NATIONS POPULATION FUND. Disponível em: <https://www.unfpa.org/adolescent-pregnancy>. Acesso em: 29 ago. 2018.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, abr.-jun. 2017. Doi: 10.1590/s1413-24782017226923.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global prevalence and incidence of selected curable sexually transmitted infections overview and estimates**. Geneva: WHO, 2001. 52 p.

WILLIS, L. A. *et al.* Developing a motion comic for HIV/STD prevention for young people ages 15-24, Part 1: listening to your target audience. **Health Communication**, Atlanta GA, v. 33, n. 2, p. 212-221, 2016. Doi: 10.1080/10410236.2016.1255840.

Submetido em 6 de agosto de 2018.

Aprovado em 23 de setembro de 2018.